

= 🔍

exame.

Revista Exame

Caetano Veloso se emociona em novo documentário

Em documentário que estreia em setembro no Festival de Veneza, Caetano Veloso relembra os 54 dias de prisão no final dos anos 1960



(Divulgação/Divulgação)



Guilherme Dearo

Publicado em 13 de agosto de 2020 às 05h00.

No final de 1968, 14 dias após o decreto do AI-5, **Caetano Veloso** e Gilberto Gil foram levados da casa deles por agentes federais à paisana e ficaram presos sem nunca ouvir uma acusação formal para a detenção. Quando saíram, tiveram de se exilar na Inglaterra. Ao todo, Caetano ficou 54 dias preso. Mais de meio século depois, o cantor relembra o doloroso episódio no documentário *Narciso em Férias*, selecionado para estrear no Festival de Veneza, em setembro, primeira mostra de cinema a acontecer de modo presencial desde o início da pandemia. A ideia do projeto partiu do próprio cantor. “A gente sentiu que era uma necessidade dele de falar desse período. O cenário político atual agravou essa urgência”, diz Ricardo Calil, um dos diretores do documentário. O **filme** foi gravado poucos dias antes das eleições de 2018, em um único dia, na Cidade das Artes, no Rio de Janeiro. A locação, com uma grande parede de concreto exposto, remete à dureza do cárcere. As cerca de 5 horas de conversa foram reduzidas a 1h20 no filme. CASUAL conversou com os diretores do filme, Renato Terra e Ricardo Calil.

Por que o filme traz apenas Caetano em frente à câmera?

Ricardo Calil — Percebemos que a gente perderia muito inserindo imagens de arquivo do período da ditadura e entrevistas com outros artistas. O episódio da prisão é um tema tão árido por si só que não caberia mais nenhum ornamento. O foco do filme é a prisão e a experiência de ouvir Caetano contando. Mas ele também canta algumas músicas, dele e de outros, que remetem àqueles tempos.

Como foi a experiência de filmar com ele?

RENATO TERRA — Caetano é um gênio. Conta as coisas de um jeito só dele. Em um momento, ele se emocionou muito e tivemos de parar por 10 minutos. É importante registrar isso. Em um documentário, quando acontece algo naquela entrevista e a câmera capta, é cinema. E ele sentado e falando já basta. Todo ele fala. Os gestos, as expressões, os silêncios. Alternamos entre planos abertos e planos fechados para criar uma experiência no espectador: ele vai sentir angústia, tédio, medo e até humor, conforme a história se desenvolver.

Como esperam que o filme seja recebido?

RENATO TERRA — Os espectadores verão um Caetano falando de um jeito que ele nunca falou. Em nenhum momento ele se coloca como herói. Ele apenas conta sua história. Não é um filme panfletário, mas certamente é um filme político. Esperamos que ele traga um debate elevado, que é o que está faltando hoje. As pessoas estão se deixando levar por medos e instintos. Queremos que haja uma discussão madura sobre autoritarismo e que se reflita sobre o Brasil atual.